**CONVERSAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA EXPERIÊNCIA ENTRE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES E RELAÇÕES RACIAIS**

Maria José da Silva[[1]](#footnote-1)

Resumo

Neste artigo, farei o movimento de pensar sobre a pergunta que vem dando corpo a pesquisa na qual estou imersa: que conhecimentos estão sendo articulados na tentativa de compreender como mulheres negras e professoras vem trabalhando com as relações étnico-raciais? Esta pergunta acontece no caminhar de uma pesquisa que se colocou como desafio conversar com professoras negras envolvidas com práticas antirracistas na educação básica. Como desdobramento, foi construído um espaço de conversa virtual para que nós, mulheres negras na educação inseridas em escolas periféricas, se escutassem e falassem sobre suas práticas pedagógicas de enfrentamento ao racismo. Para compor junto os fios teóricos desta conversa, venho criando possibilidades de caminhar com vozes de mulheres negras (BENTO, 2023; EVARISTO, 2020; WERNECK, 2010), entendendo-as como espelhos e que ao nos formarmos com tais palavras criamos possibilidade de ouvirmo-nos, problematizando narrativas hegemônicas de outros sobre nós.

Palavras Chaves: Conversas; Docentes negras; Formação docente; Relações Étnico-Raciais.

**ENTRANDO NA CONVERSA**

A pergunta a qual tentarei pensar nessas próximas linhas é a seguinte: que conhecimentos estão sendo articulados na tentativa de compreender como mulheres negras e professoras vem trabalhando com as relações étnico-raciais? Esta pergunta acontece no caminhar de uma pesquisa inserida no curso de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação - PROPED/UERJ.

A pesquisa compõe esforços na área da Educação para as Relações Étnico-raciais e se coloca como desafio, desde o ano de 2022, conversar com professoras negras envolvidas com práticas antirracistas na educação básica. Até o momento, foram realizadas conversas com cinco docentes do município de Queimados, na Baixada Fluminense- RJ, local onde eu atuei durante um ano e, como fruto desses encontros, foi produzido podcasts com a proposta de compartilhar conhecimentos produzidos por essas pessoas e que tiveram a intenção de pensar uma educação antirracista nos seus cotidianos. Meu desejo inicial foi o de conversar com essas pessoas, escutar sobre seus feitos e aprender com elas como se movimentam para criar possibilidades pedagógicas de enfrentamento ao racismo.

Devido ao isolamento social provocado pela Pandemia do Coronavírus, nos encontramos virtualmente, através de plataformas disponibilizadas gratuitamente. Na época, estava no primeiro ano do curso de doutorado e escolhi dar os primeiros passos conversando com profissionais do município onde estava vinculada e que estiveram envolvidas com a criação de práticas pedagógicas antirracistas. Os encontros giraram em torno de uma mesma intenção: conversar sobre práticas pedagógicas que tinham como objetivo trabalhar as relações raciais, a convivência entre pessoas, o compartilhamento de narrativas sobre o mundo e sobre os conhecimentos a partir das contribuições das populações negras. A escolha por conversar partindo das ações realizadas por essas educadoras teve como objetivo ser um aquecimento para entrar nos seus cotidianos e pensar juntas alguns nós que ainda nos amarram às lógicas coloniais na educação escolar.

Como os encontros foram gravados em plataformas gratuitas de videochamada, decidi editar o material e compartilhar as conversas através de podcasts em uma plataforma de streaming[[2]](#footnote-2) e em redes sociais. Toda essa movimentação de gravar, fazer episódios e compartilhar os encontros também se alimentou de uma vontade de fazer com que essas histórias chegassem na formação de professoras/es para gerar novas conversas sobre como podemos aprender com as experiências dessas mulheres a darmos aberturas para sentirmos como podemos trabalhar pedagogicamente as questões que tocam a produção de uma educação antirracista.

Nesses caminhos formativos de encontrar com professoras negras, conversar sobre as suas táticas (CERTEAU, 2014) para produzir possibilidades de fazer existir narrativas outras dentro de espaços ainda eurocentrados e o compartilhar essas histórias através de podcasts na internet vem me possibilitando pensar na força da palavra lançada no tempo pelas diferentes agentes históricas e políticas e diversas - mulheres negras - (WERNECK, 2010), e que impulsionam os grupos humanos a olhar os lugares estanques e difíceis de atravessar (misoginia, machismo, racismo e tantos outros espinhos a serem remexidos e removidos) para que possamos bem viver com todas as nossas diferenças em um planeta. Palavras essas que nos ajudam a voltar o espelho para nossa auto imagem (individual e coletiva) e ver os incômodos em viver (ainda) em sociedades onde “o racismo segue sendo o principal elemento estruturador do sistema de desigualdades” (BENTO, 2023). Tenho pensado que as palavras de mulheres negras, assim como espelho refletido nas águas, nos mostram as nossas mais íntimas imagens sociais.

Ao escutar e reescutar as nossas conversas compartilhadas com os podcasts, e já contaminada por muitas outras vozes atravessadas nessa escrita, venho pensando que as palavras de mulheres negras, serpenteante no tempo, agem e nos faz voltar o espelho para nós mesmas. Ao ler e ao escutar vozes de mulheres negras, inseridas em múltiplos espaços, e aqui pensando também naquelas em movimento na educação, olhamos para nós mesmas e encontramos com imagens que nos permitem reconhecimento e disputa pelas histórias, pelos escritos, pelas vivências (SANTANA, 2017). Escutar essas vozes, produzir espaços onde possamos nos olhar e nos escutar, colocando o corpo publicamente, instaura movimentos de escrita e escuta de nós, dos feitos e usos que fazemos coletivamente das nossas histórias, dos conhecimentos produzidos pelos povos destituídos de saber pela narrativa oficial. Cada voz mobiliza em nós possibilidades de encontro consigo mesmo.  “Um dos poderes do espelho” (SANTANA, 2017).

E os espelhos nos quais nossas imagens refletem não são os fabricados pelo olhar colonial, mas aqueles relativos aos abebés das narrativas míticas africanas. São nos espelhos de Oxum e no de Iemanjá que alcançamos a compreensão dos múltiplos lugares para o enfrentamento dos sistemas de opressões. Nas palavras da feiticeira Conceição Evaristo, no abebé de Oxum, “nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto” (EVARISTO, 2020, p. 39). Esse pensamento me leva  a dizer que quando imergimos nos movimentos de repensar a vida a partir de lugares e referências outras, para além do referencial colonial, olhamos como somos e já não tem mais volta. Em todos os lugares onde quer que estejamos o nosso agir vai refletir outra imagem.

Essa foi uma impressão que ficou latente após os encontros. Não tenho a certeza se foi a fala de uma professora específica ou se já é fruto das vozes atravessadas nas escutas, mas saí dos encontros com algo que me marcou: “o trabalho com a educação antirracista me modificou. Não me via como uma mulher negra” e “tenho repensado o meu lugar com esse trabalho”. Essa é uma mudança que começa em nós.  O abebé de Oxum nos faz (re)pensar a nossa inserção nesse lugar, a (re)pensar o comprometimento com a reeducação para as relações raciais, que está para além de um conteúdo que tem começo e fim. Faz-nos voltar para nós mesmas e pensar nos modos como vamos sendo educadas e como vamos nos tornando negras e como isso repercute nas nossas práticas educativas fazendo com que outras mulheres percebam as suas origens étnico-raciais (MACAMBIRA, 2021).

E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos. (EVARISTO, 2020 p. 39)

Quando me encontrei com essa fala da Evaristo fiquei refletindo que a minha intenção inicial em conversar com educadoras negras que já tinham uma prática antirracista em movimento nas escolas, e que antes eu não conseguia colocar em uma frase o motivo dessa escolha, agora me vem com limpidez. Essa escolha está intimamente associada ao sentimento de me encontrar com mulheres que, assim como eu, estão recuperando ou que já recuperaram a sua individualidade pelos espelhos de Oxum. (Nada mais destrói o que Oxum toca!). E que, ao mesmo tempo desse processo que remexe com toda a nossa formação visceral, escolhem agir coletivamente na reconstrução das nossas imagens sociais. E escutar essas vozes, inclusive a minha, após ter renascido nas águas doces de Oxum e ter me visto em seus espelhos, tem me levado às imagens refletidas no abebé de Iemanjá, mãe de todos os oris. Ela vem me oferecendo possibilidades de pensar o lugar do Afroescuta, o podcast criado com esses movimentos, como um espaço coletivo, como mais um lugar onde possamos ver-escutar outras imagens-vozes para além de nosso rosto-voz individual e, nesse movimento, nos pensarmos como potência e escrever a nossa história de muitas vozes… Por que o que acontece quando mulheres negras e professoras escutam a si mesmas conversando sobre os seus fazeres na educação? Que conhecimentos estão sendo articulados na tentativa de compreender como mulheres negras e professoras vem trabalhando com as relações étnico-raciais?

Ao escutar e reescutar as vozes das mulheres que vem produzindo junto comigo esta escrita venho confabulando que tais palavras estão inscritas dentro de um pacto simbólico na conquista por condições igualitárias de existência e por participação das vozes de negras e negros nas escolas brasileiras em condições de equidade.  Não importa se há um professor/ uma professora intencionando remexer nas narrativas oficiais nas escolas, o nosso agir é coletivo.

**Referências**

BENTO, Cida. Introdução. In: Branquitude – diálogos sobre racismo e antirracismo. Orgs: Ibirapitinga e Lia Vainer Schucman. SP: Fósforo, p. 9-12 , 2023.

CARNEIRO, Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser. 2005. 274f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade de São Paulo / USP. São Paulo. 2005.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.

MACAMBIRA, Leidiane dos Santos Aguiar. Os modos como vamos nos tornando mulheres negras e educadoras antirracistas: narrativas de formação para pensar a educação das relações raciais. 2021. 138f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SANTANA, Bianca. Espelho das Iabás. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/espelho-das-iabas/>. Acesso em: 31 mai. 2024.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da ABPN v.1,n.1, 2010, pp. 08-17.

1. Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ). Integra os grupos de pesquisas “Culturas e Identidades nos Cotidianos” (UERJ) e o “Laboratório de estudos e aprontos multimídia – relações raciais na cultura digital” (UFF). [↑](#footnote-ref-1)
2. Link Afroescuta: [↑](#footnote-ref-2)